

# MODOS DE (DES) ENVOLVIMENTO NA ESCRITA ACADÊMICA: UM ESTUDO SOBRE AS FUNÇÕES DA REPRESENTAÇÃO DO DISCURSO OUTRO

Janima Bernardes Ribeiro (UFRN)<sup>1</sup>  
[janimabernardesribeiro@hotmail.com](mailto:janimabernardesribeiro@hotmail.com)  
Sulemi Fabiano Campos (UFRN)<sup>2</sup>  
[sulemifabiano@yahoo.com.br](mailto:sulemifabiano@yahoo.com.br)

## Introdução

Este trabalho é um recorte da pesquisa *Marcadores discursivos: modos de (des) envolvimento na escrita acadêmica*<sup>3</sup>, aliando-se aos vários trabalhos que têm sido desenvolvidos pelos pesquisadores no Grupo de Pesquisa em Estudo do Texto e do Discurso - GETED<sup>4</sup> - motivados a partir das reflexões de Fabiano (2004; 2007), nas pesquisas de caráter linguístico, no campo dos estudos enunciativos. Compartilha o interesse pela temática da escrita de textos acadêmico-científicos, o que revela uma maior tendência em compreender como se configura o processo de produção escrita neste contexto. Tais investigações problematizam questões relativas à escrita como produção de conhecimento na universidade.

Ao mesmo tempo em que se filia às pesquisas já desenvolvidas no âmbito do GETED, apresenta-se como um estudo que analisa um importante aspecto da escrita acadêmica, que é a heterogeneidade enunciativa, a partir da perspectiva teórica da Teoria Enunciativa<sup>5</sup>, postulada por Authier-Revuz (1990; 2004).

Dentro do quadro teórico da Teoria Enunciativa, focaremos a categoria das formas de representação do discurso outro (RDO)<sup>6</sup> nos enunciados, considerando mais precisamente as marcas linguísticas<sup>7</sup> na materialidade do texto que manifestam os modos de (des)

---

<sup>1</sup>Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Integrante do Grupo do Estudo do Texto e do Discurso (GETED/UFRN).

<sup>2</sup>Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP), Professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UFRN), líder do Grupo de Pesquisa Estudos do Texto e do Discurso (GETED). Orientadora da tese em desenvolvimento.

<sup>3</sup>Tese de doutorado em desenvolvimento. Consideramos as definições de Martin Zorraquino e Portolés (1999) para análise dos “Marcadores discursivos”, uma vez que tal definição engloba os elementos da modalidade oral e escrita. São eles: Estruturadores da informação, Conectores, Operadores, Reformuladores e Marcadores conversacionais (modalidade epistêmica e deotônica), com foco na conexão extraoracionais (enunciados como um todo, e não em partes). Na análise, os conectores não se limitam a ser apenas um mecanismo de coesão, mas configuram-se como marcas do sujeito na língua.

<sup>4</sup>O Grupo de Pesquisa em Estudos do Texto e do Discurso (GETED) foi fundado em 2010 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O Grupo se dedica aos estudos e pesquisas que permeiam o ensino e a aprendizagem da escrita em ambiente escolar/acadêmico. O GETED é coordenado pela professora Dr.<sup>a</sup> Sulemi Fabiano Campos (UFRN).

<sup>5</sup>Em linhas gerais, a Teoria da Enunciação (BENVENISTE, 2005), estuda as marcas do sujeito no enunciado e não o próprio sujeito. Estuda os fatores e atos que comprovam a produção de um enunciado.

<sup>6</sup>Apesar de ser denominado tradicionalmente nas gramáticas de “Discurso Relatado” (DR), preferimos na pesquisa, falar em “Representação do Discurso Outro” (RDO). A RDO `representa um discurso de um discurso outro´, correspondendo no campo máximo, definido semanticamente, no qual inscrevem formas diversas, entre elas o Discurso Direto (DD), o Discurso Indireto (DI) e a Modalização em Discurso Segundo (MDS, entre outras), sem pretensão de esgotar todas as formas apresentadas pela autora.

<sup>7</sup>Lembremos que as marcas linguísticas podem ser expressas por conectores, verbos, pronomes, modalizadores, etc., relacionados às marcas do sujeito na materialidade linguística (O signo interpõe-se na materialidade (significante e significado), ou seja, a metalinguagem natural (inerente) à língua. Optamos pela análise dos conectores como elementos que conectam enunciados. Koch (2005) ressalta os conectores como mecanismo de conexão. Nesse sentido, consideramos não apenas como um mecanismo de conexão, uma vez que podem permitir que surjam efeitos de sentido como marca do sujeito na língua.

envolvimento do pesquisador com seu escrito, a partir de diversas formas de referir à palavra alheia<sup>8</sup> no campo científico.

A escolha pelas formas da representação do discurso outro (RDO), conforme nos apresenta Authier-Revuz (2004), como categoria de análise no campo da teoria enunciativa, justifica-se, principalmente, no universo acadêmico, especificamente em dissertações de mestrado, a heterogeneidade<sup>9</sup> de vozes configuram como uma “necessidade”, que exige do pesquisador um atravessamento com a diversidade de dizeres e de “já-ditos”, na lida com seu objeto de pesquisa.

Nossa hipótese de trabalho aponta para a possibilidade de correlacionar a presença do sujeito com a linguagem nos manejos que articula na negociação com a representação<sup>10</sup> da voz do outro em seu dizer. Partindo desse pressuposto, interrogamos: Em que medida no (des) envolvimento enunciativo o pesquisador deixa transparecer uma escrita própria ao mobilizar a voz alheia na materialidade do texto acadêmico? Para construir uma resposta a essa interrogação, tomamos uma dissertação de mestrado disponível no Portal de Domínio Público – CAPES, produzida na área da Análise do Discurso, publicada em 2006<sup>11</sup>, em universidade federal, como objeto de análise.

Propomos, em dissertações, analisar os modos de (des) envolvimento do pesquisador com seu escrito na construção de um lugar enunciativo. Como sabemos, o (des) envolvimento é dialético, segundo o qual o sujeito desenvolve seu dizer a partir do envolvimento com as vozes alheias e, ao mesmo tempo, mostra seu envolvimento a partir do modo como desenvolve o diálogo com tais vozes. Esse movimento necessário evidencia uma relação com o seu próprio discurso e com o discurso do outro, em especial, nas formas de representação do discurso outro no fio do dizer (Discurso Direto, Discurso Indireto e Modalização em Discurso Segundo) que possibilitam na materialidade linguística do texto a heterogeneidade de vozes entrelaçadas nos enunciados.

Na escrita acadêmica, as marcas linguísticas evidenciam algumas estratégias utilizadas pelo pesquisador<sup>12</sup> no movimento de escrita. Assim, podemos compreender se na relação que mantém com as vozes alheias, consegue articulá-las de forma harmoniosa na construção de uma escrita própria, pela maneira singular<sup>13</sup>, como cada dizer negocia com o “já-dito” que são retomados, explícita ou implicitamente na produção escrita, na “partitura” de cada dizer, um modo próprio a cada um de nós de “colocarmo-nos” na linguagem.

Nesse sentido, objetivamos descrever e interpretar na materialidade linguística do texto os modos de (des) envolvimento do pesquisador para inserir e gerenciar vozes alheias na construção de sentidos do texto e, além disso, analisar a função e os efeitos de sentido dos mecanismos linguísticos como marca de expressão de manejos do sujeito na linguagem. Cada ato é único, e pode revelar sobre o sentido que o sujeito atribui a partir das escolhas

---

<sup>8</sup>“Palavra alheia” são as vozes de outros (teóricos) que constituem as fontes bibliográficas lidas que mobilizamos ao escrever um texto. Utilizaremos também a expressão “outra voz”, “tais vozes” e “discurso do outro”, entre outras.

<sup>9</sup>A heterogeneidade tratada aqui não se reduz somente à relação com outros discursos, mas toda forma no plano enunciativo em pontos de “alteração” do dizer.

<sup>10</sup> Podemos representar por escrito a voz do outro, mas não podemos falar com a voz do outro.

<sup>11</sup>Tal recorte se justifica porque pretendemos à análise do *corpus* geral (tese em desenvolvimento), no período de publicação de 2006 a 2009.

<sup>12</sup>“Pesquisador” para designar alunos do curso de mestrado, autores das dissertações que compõem o corpus desta pesquisa. No entanto, em Linguística da Enunciação, percebe-se certa flutuação no uso de determinados termos. Portanto, utilizaremos também sujeito, enunciador, locutor, sujeito da enunciação, devido à diversidade de estudos no campo enunciativo.

<sup>13</sup>A manifestação da singularidade demanda que aquele que escreve possa agenciar de tal modo sua divisão subjetiva que chegue a administrar as diversas vozes presentes em seu texto de maneira harmoniosa. RIOLFI & MAGALHÃES, 2008, p. 1). Dossiê – Estilos da Clínica, 2008, Vol. XIII, nº 24, 98-121.

linguísticas que utiliza para poder construir uma escrita própria<sup>14</sup>. Ao construir uma escrita própria, o sujeito que escreve se filia a uma linha de pesquisa e, ao escrever a partir do discurso do outro responsabiliza-se por colocar algo de si na escrita (RIOLFI, 2011), que, por conseguinte, permite representar efeitos de sentido pretendidos pelo pesquisador, na sua própria enunciação e influir na produção do conhecimento.

Para dar conta do propósito do trabalho, faremos, a seguir, algumas considerações no que concerne às heterogeneidades enunciativas nas formas de representação do discurso outro (RDO), Authier-Revuz (2004), especificamente as formas na língua que representam outra voz no interior da enunciação; apresentamos os principais conceitos propostos pelos estudiosos que discorrem sobre a heterogeneidade, logo depois, faremos a análise do *corpus*, descrevendo e interpretando os dados conforme os objetivos pretendidos no trabalho, e por fim, pontuamos algumas considerações sucintas dos resultados obtidos.

## 1. Heterogeneidade enunciativa: entrelaçamento de vozes na escrita acadêmica

A heterogeneidade é objeto de estudo da linguista Authier-Revuz (1990; 2004), ligada à corrente francesa de Análise de Discurso. A autora centra seus estudos no campo da enunciação e tem como propósito estudar os fatores e atos que provocam a produção de enunciados. Toma a teoria saussuriana como ponto de partida da sua pesquisa no reconhecimento da *língua como ordem própria*. Filia-se aos estudos de Benveniste (1989), referente à relação do sujeito com a língua. Para o autor, a enunciação é entendida como o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (p. 82). Nesse sentido, segundo Benveniste, é a enunciação que possibilita o aparecimento das marcas do sujeito na língua, ao produzir um enunciado. Assim, a enunciação é aqui tratada do ponto de vista de um ato que o locutor executa na estrutura da língua.

O campo enunciativo implica referência ao ato de produzir o enunciado (produto), e a enunciação entendida como processo. Nesse sentido, o processo só poderá ser analisado a partir das marcas que deixa no produto. Em outras palavras, a enunciação “é uma instância pressuposta que está na origem de todo e qualquer enunciado. Ela não é observável em si, ela é, por natureza, efêmera. O observável são as marcas da enunciação no enunciado” (FLORES, 2011, p. 36). Essas marcas permite especificar a instância em que tais enunciados são produzidos, fazendo irromper o sujeito da enunciação.

Desse modo, a heterogeneidade enunciativa é o princípio que rege a linguagem em toda a sua dimensão discursiva, incluindo aí o sujeito do discurso como uma entidade heteróclita, atravessada pelos outros e suas diversas vozes, de modo que as vozes do enunciadador podem confundem-se com a voz do outro. Está ligada ao princípio da dialogia, que se dá numa dupla dimensão, entre interlocutores e entre textos (intertextualidade), Nesse sentido, o sujeito é constituído por diversas vozes responsáveis por torná-lo sujeito. Voloshinov/Bakhtin (1975[2009]), ao afirmar que todo discurso é dialógico por natureza, põe em evidência o caráter dialógico da linguagem como elemento constitutivo da própria língua em sua vertente prática. Nas palavras do autor, temos que: “A verdadeira substância da língua não é constitutiva por um sistema abstrato de formas [...], mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua” (op. cit. p. 127).

---

<sup>14</sup>Configura-se a partir da representação da construção de escrita do pesquisador que, ao articular as diversas vozes alheias, busca um lugar enunciativo próprio, ou seja, uma produção escrita, como reflexo do ato de o pesquisador lidar com o “legado cultural” (sustentar um dizer baseado em outro dizer) e, nesse percurso, por meio do agenciamento harmonioso de conciliar as várias vozes, deixa marcas de si para compor o texto.

Authier-Revuz classifica a heterogeneidade em constitutiva<sup>15</sup> e mostrada, mencionando que ambas “representam duas ordens de realidade diferentes: a dos processos reais de constituição de um discurso e a dos processos não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição” (1990, p.32).

Assim sendo, a heterogeneidade constitutiva é marca de todo discurso, constituído de um “já-dito” – condição fundamental segundo Pêcheux (1999), para todo discurso, não se apresenta na organização linear do discurso, ou seja, sua alteridade não é revelada, permanece no interdiscurso, enquanto a heterogeneidade mostrada apresenta “formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso” (Authier-Revuz 1990, p.26), ou seja, trazem marcas da presença do outro na cadeia discursiva. Assim, a alteridade se manifesta ao longo do discurso e pode ser analisada.

Em outras palavras, a heterogeneidade mostrada pode ser apresentada na superfície textual de dois modos: a) marcada (heterogeneidade visível na materialidade linguística, da ordem da enunciação), apresentando marcas textuais, tais como o discurso direto, o discurso indireto, as aspas, e o metadiscurso do enunciador; e b) não marcada (sem visibilidade, da ordem do discurso), na qual não existe uma ruptura sintática, sem marcas gráficas visíveis, em que “o elemento mencionado é inscrito na continuidade sintática do discurso” (op. cit., p. 29), como é o caso do discurso indireto livre e da ironia. Cada um desses modos representa suas características linguísticas e semânticas específicas e assinala a heterogeneidade no discurso.

Orientando-se pelas reflexões de heterogeneidade mostrada, nosso estudo adota como recorte, as formas de representação do discurso outro (RDO) alavancado pela linguista Authier-Revuz, campo permeado pelo heterogêneo, para se referir os modos de representação de uma escrita própria (sujeito<sup>16</sup> falante/seu discurso) com o discurso outro (vozes alheias/jogo polifônico), que aborda atos de enunciação e não simplesmente de palavras. Assim, o RDO encontra-se no campo englobante da metadiscursividade (discurso sobre o discurso), caracterizando as relações com discursos do outro, marcadas no fio do discurso do sujeito pesquisador, cada um com marcas e funções específicas que os caracterizam e os distinguem, podendo revelar os modos de (des) envolvimento do pesquisador com aquilo que enuncia, no entrelaçamento de vozes e essas constroem efeitos de sentido no enunciado.

Nesse entrelaçamento, podemos localizar o modo de (des) envolvimento do pesquisador com aquilo que enuncia, partindo das formas marcadas que atribuem ao outro um lugar linguisticamente descritível no discurso pelas “formas recuperáveis da presença do outro no discurso, chega-se à presença do outro – as palavras dos outros, às outras palavras – em toda parte sempre presente no discurso, não dependem de uma abordagem linguística” (AUTHIER-REVUZ 2004, p. 21). Nessa perspectiva, consideramos que o sentido de uma sequência linguística inclui a representação do sujeito da enunciação que deixa marcas de seu movimento<sup>17</sup> na língua. Feita essa exposição teórica, iremos voltar nossa atenção para a metodologia adotada para a análise dos *corpus*.

## 2. Procedimentos metodológicos

---

<sup>15</sup>Para embasar o conceito de heterogeneidade constitutiva, esta apoia-se basicamente em exterioridades teóricas: o dialogismo do círculo de Bakhtin e a teoria do sujeito como efeito da linguagem na psicanálise lacaniana.

<sup>16</sup>Pressupomos a presença de um sujeito produzido pela linguagem como *estruturadamente clivado pelo inconsciente*, implica dizer que não existe sujeito sozinho, mas sujeitos em relação com outros sujeitos, “contrariamente à imagem de um sujeito pleno, que seria a causa primeira e autônoma de uma palavra homogênea, sua posição é a de uma palavra heterogênea que é o fato de um sujeito dividido” (Authier-Revuz, 2004, p. 48).

<sup>17</sup> Estamos chamando de “marcas de seu movimento” o entrecruzamento de vozes na escrita acadêmica a partir das estratégias linguísticas discursivas utilizadas pelo pesquisador, ao mobilizar as vozes alheias, deixa marcas “representáveis” que porte as marcas de si, no fio do dizer, ao compor o texto.

Tomamos como objeto de análise (uma) dissertação de mestrado disponível no Portal de Domínio Público – CAPES, defendida em programa de Pós-Graduação em Letras, em universidade federal brasileira, no ano de 2006, produzida por pesquisador pertencente à área da análise do discurso francesa. Visamos demonstrar o modo de (des) envolvimento enunciativo do pesquisador a partir do agenciamento de vozes alheias na produção acadêmica, pelas formas da representação do discurso outro (RDO), Authier-Revuz (1990; 2004), que configuram-se como necessários na construção de um trabalho de escrita, não apenas para expor ideias de outros autores, mas estabelecer um elo de concordância, discordância entre discurso e textos e para a construção de um novo sentido.

Para análise, utilizaremos a palavra “trecho” ou “fragmento” para nomear a parte recortada do texto (dissertação de mestrado), especificamente da seção de fundamentação teórica, produzida pelo pesquisador enumerado e denominado como, P1 (Pesquisador 1) e, quando retomados no texto e comparados com outros dados trazem a mesma enumeração. Selecionamos um fragmento que possibilite mostrar como o pesquisador assume, de um lado, a sua pesquisa e, do outro, o seu discurso, manifestando a sua presença ou se distanciando, na materialidade textual, o que por sua vez permite que discutamos questões referentes ao modo de (des) envolvimento do pesquisador com seu escrito, em especial por meio dos conectores, que podem nos revelar uma série de efeitos de sentido do envolvimento do sujeito na linguagem.

A parte recortada segue a escrita original das dissertações. Portanto, nossas análises se darão na perspectiva de uma teoria da enunciação em que os enunciados não apenas informam, mas constituem efeitos de sentido onde aparecem. Esse efeito pode ser descrito ao reconstruir traços recorrentes e depreensíveis da totalidade enunciada de um texto, que remete a individualidade na escrita. A título de exemplo, vamos mostrar um fragmento que nos pareceu mais relevante às discussões ora alavancadas (com grifos<sup>18</sup> nossos na amostra) que podem explicitar algumas questões sobre a importância nos efeitos de sentido.

### 3. Modos de (des) envolvimento na escrita acadêmica: Análise do *corpus*

A teoria enunciativa de Authier-Revuz (1990; 2004) mostra-se um instrumento potente na análise de dissertações de mestrado, conforme as discussões apresentadas em que consiste em diferentes maneiras de ações sobre a linguagem que o pesquisador se dispõe para escrever, entre elas, especificaremos o modo que representa a escrita articulada com arranjos linguísticos. Estamos chamando “arranjos linguísticos” uma escrita que representa transcrição do discurso do outro, dando a ele novos contornos. Nesse caso, a escrita do pesquisador configura-se sob o véu da estratégia (Discurso Direto, Indireto, MDS) mobilizados por meio dos conectores, no gerenciamento de vozes no texto, a partir da relação que mantém com a(s) teoria(s) que articula na construção escrita de um trabalho de pesquisa. Primeiro, iremos descrever os modos de (des) envolvimento do pesquisador com seu escrito e, posteriormente, iremos analisar as funções e os efeitos de sentido dos mecanismos linguísticos como marca de expressão do sujeito na linguagem.

#### 3.1 O modo que representa a escrita articulada com arranjos linguísticos

O recorte transcrito a seguir foi retirado da dissertação de mestrado no qual classificamo-lo como fragmento 1, do pesquisador (1). O trecho que analisamos está no início

---

<sup>18</sup>Para esclarecer sobre o uso das cores, sinalizamos no texto fonte, e no texto construído pelo pesquisador, as mesmas tonalidades (vermelho, azul e verde) para identificar a heterogeneidade de vozes que se entrecruzam no fio do dizer.

do capítulo dedicado à seção de fundamentação teórica. Trata-se de um parágrafo introdutório de um subtópico intitulado *O conceito de Subjetividade do ponto de vista enunciativo*. Anteriormente ao trecho recortado, o pesquisador traz a seguinte informação: *Uma das maiores contribuições de Benveniste foi recolocar a questão da enunciação e da subjetividade*.

Apresentamos abaixo, o fragmento 1, para mostrar os movimentos realizados pelo pesquisador (1) para enunciar seu dizer. De um lado, expomos o recorte do texto fonte (autor citado) e, do outro lado, como se configura a escrita do pesquisador em sua dissertação de mestrado, na lida com o discurso do outro. Optamos por colocar os trechos de cada um, lado a lado, com destaque em cores, numerados em linhas, para melhor visualização das possíveis comparações do que pretendemos apresentar.

#### Fragmento 1

Linha	Texto fonte	Pesquisador (1) – P1
1	<i>É na linguagem e pela linguagem que o</i>	<u>Segundo</u> Benveniste, a subjetividade é
2	<i>homem se constitui como sujeito; porque só</i>	entendida como <b>“a capacidade do locutor para</b>
3	<i>a linguagem fundamenta na realidade, na</i>	<b>se propor como ‘sujeito’”</b> (1989, p. 288). <u>Essa</u>
4	<i>sua realidade que é a do ser, o conceito do</i>	<u>proposição como sujeito</u> tem como condição a
5	<i>“ego”. A “subjetividade” de que</i>	linguagem. <i>“É na linguagem e pela linguagem</i>
6	<b><u>tratamos aqui é a capacidade do locutor</u></b>	<i>que o homem se constitui como sujeito; porque</i>
7	<b><u>para se propor como “sujeito”</u></b> (...) Ora,	<i>só a linguagem fundamenta na realidade, na sua</i>
8	essa “subjetividade”, quer a apresentamos	<i>realidade que é a do ser, o conceito de ego”</i> .
9	em fenomenologia ou em psicologia, como	<u>Assim sendo</u> , essa PROPRIEDADE DA
10	quisermos, não é mais que a emergência no	SUBJETIVIDADE É DETERMINADA PELA
11	ser de uma PROPRIEDADE fundamental	PESSOA E O SEU STATUS LINGUÍSTICO.
12	da linguagem. É o “ego” que diz ego.	(P1, p. 25 grifos nossos).
13	Encontramos aí o fundamento da	
14	“SUBJETIVIDADE” QUE SE	
15	DETERMINA PELO STATUS	
16	LINGUÍSTICOS DA “PESSOA”	
	(BENVENISTE, 1989, p. 288, grifos nossos).	

Fonte dos dados – autor da pesquisa.

Observando o recorte, constatamos que o pesquisador (1) recorre ao conector conformativo *Segundo* [...] na linha (1) que aparece no texto acompanhando o nome de *Benveniste*, estratégia utilizada para mostrar concordância com a voz do teórico. Inicia o enunciado com o relato do discurso indireto (linhas 1 e 2), ao mencionar *a subjetividade é entendida como*, sem aspas. Assim, dirige-se a um leitor que cria expectativa sobre o que vai ler e que tende a demarcar suas ideias a partir de uma questão teórica referenciada, ou seja, traduz as falas do autor citado para introduzir um conceito, nesse caso, de *subjetividade*. Nesse sentido, para fundamentar o conceito de subjetividade, o pesquisador (1) cita literalmente a representação da voz de Benveniste, (linhas 2 e 3), [...] *“a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’”* (1989, p.288). Desse modo, o trecho é atribuído totalmente a autoria de Benveniste. As palavras entre aspas não são do pesquisador, mas do autor citado, são marcadas entre aspas, como pertencentes a outra voz na tessitura do texto.

Esse é um recurso na escrita acadêmica que marca a heterogeneidade de vozes no dizer, em que alguns elementos são mobilizados para marcar a fronteira entre a voz do pesquisador e a voz do autor citado, por exemplo, o uso das aspas, o nome do autor, ano e página da qual a citação foi retirada, são marcas linguísticas utilizadas para delimitar, na função de discurso direto, essa outra voz no fio do discurso, como vindo de outro lugar. Nesse movimento, remete a outra voz como fonte de “sentido” do texto. Podem-se considerar essas palavras aspeadas como mantidas a distância e que atestam uma suspensão de

responsabilidade do enunciador, que mobiliza o surgimento da representação da voz de *Benveniste* em seu discurso, para poder argumentar em seu enunciado.

No trecho entre as linhas 3 e 5, observamos que o pesquisador inicia a frase como o conector pronominal “essa” para retomar a ideia anteriormente apresentada “*a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’*”, assim, representa em sua escrita as palavras do outro, e enuncia: *Essa proposição como sujeito tem como condição a linguagem*, no entanto, nesse movimento enunciativo, retoma as palavras *Benveniste* (texto fonte, linhas 6 e 7), quer sejam: *propor como sujeito* e constrói outro enunciado: *proposição como sujeito...*, (texto do pesquisador linha 4).

Podemos verificar que na linha 3 (texto do pesquisador), a posição sintática do pronome demonstrativo “essa” para (NEVES, 2000) se refere a um sintagma nominal na posição de determinante de um (pronome substantivo), nesse caso, evidencia na frase familiaridade do pesquisador com a teoria mobilizada anteriormente. Entretanto, observamos que o pesquisador (1) interpreta o sentido original dito por *Benveniste* (1989) e traduz nesse fragmento o conteúdo do pensamento, ou seja, o sentido das palavras.

No trecho das linhas 5 e 8, temos o discurso direto “*É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego*”. As palavras entre aspas são marcadas como vindo de outro lugar. Como podemos observar, o pesquisador utiliza duas formas de marcação da representação da voz do outro (aspas e itálico), ou seja, a voz que mobiliza para enunciar, não é sua, mas do autor citado. Utiliza aspas para manter a autenticidade e a originalidade do dizer do outro. *Authier-Revuz* (2004, p. 219) denomina aspas como “lugar de uma suspensão de responsabilidade daquela que funciona para outras palavras, as aspas estão relacionadas ao conjunto do movimento da enunciação, o que implica manter explicitamente certos termos a distância. Nesse movimento, o pesquisador se apresenta como um simples ‘porta-voz’ dos discursos vindo de outro lugar. Podemos afirmar que a escrita do pesquisador (1), nesse caso, configura-se como apoiada no dizer do outro. Contudo, prevalece a autoria de *Benveniste*, enquanto a voz do pesquisador fica ‘camuflada’ ao repetir um “já-dito”, já produzido, sem acréscimo de uma reflexão a partir da citação traduzida.

Na linha 9, o conector *assim sendo*, indica a princípio uma inferência na escrita do pesquisador para concluir a ideia apresentada anteriormente, uma vez que utiliza na sequência da frase o pronome *essa*, uma marca linguística que evidencia a familiaridade com o conceito de *subjetividade* apresentado por *Benveniste* (1989). No entanto, ao compararmos a produção escrita do pesquisador (linhas 9, 10 e 11) com o texto fonte (linhas 11 a 16) verificamos que, na tentativa do P1 fazer uso de suas palavras, não se preocupa em citar fielmente as palavras do texto fonte. Nesse movimento, recorre a função do discurso indireto, mais conhecido, a paráfrase, na tentativa de reformulação das palavras de *Benveniste*, com o intuito de escrever um segundo texto a partir da interpretação do texto fonte, ou seja, dizer de outro modo o que já foi dito.

A paráfrase, entre tantas outras formas, pode ser considerada como estratégia de reescrita e pode ser recuperada por meio de esquemas estruturais. O trecho retirado da dissertação do pesquisador (1) mostra os arranjos linguísticos por meio da paráfrase:

Autor citado (linhas 14 e 16): [...]“subjetividade” que se determina pelo *status* linguísticos da “pessoa” (p.288).

Pesquisador (linhas 9 a 11): [...] essa propriedade da subjetividade é determinada pela pessoa e o seu *status* linguístico (P1, p. 25).

Nesse exemplo, o pesquisador (1) transcreve o discurso do outro não obedecendo exatamente à forma com que ele fora materializado em palavras. *Fuchs* (1985) considera o

uso da paráfrase linguística como um mecanismo de construção de um “novo texto”, tendo como base o texto fonte. Na tentativa de reformular um “texto segundo”, o pesquisador (1) restaura “fielmente ou não o conteúdo do texto fonte” (op.cit., p.133; 134).

A reflexão apresentada por Barzotto (2011) acerca do momento de escrita: “o ato de criação, para trazer a luz o novo, precisa negar, destruir, subverter, pelo menos em partes, o que foi produzido antes” (p. 33), percebemos que no trecho (linhas 9 a 11) o pesquisador (1) não realiza o momento de escrita apresentado por Barzotto, porque no movimento parafrástico a escrita do pesquisador configura-se a partir da leitura do texto fonte, não compreendida, demonstrando assim os riscos de leitura, o que para esse autor, “um texto condena quem escreveu antes e condena quem está escrevendo” (op. cit. p. 46).

Ao repetir o dizer de Benveniste, o P1 tenta dar a ele novos contornos, de modo que as palavras – do discurso fonte (primeiro) são substituídas e recolocadas, como podemos observar sobre uma interpretação prévia do texto fonte a palavra *subjetividade* (linha 10) e *pessoa* (linha 11). Porém, no texto fonte a palavra “*subjetividade*” (linha 14), e a palavra “*pessoa*” (linha 16), Benveniste (1989) apresenta essas palavras entre aspas, logo, no enunciado produzido pelo pesquisador, utiliza as mesmas palavras, mas sem aspas, e em outra ordem, ou seja, faz algumas alterações de sentido em dizer *se determina* no texto fonte (linhas 14 e 15), substituída pela expressão *é determinada* no texto do pesquisador 1 (linha 10), em que sintaticamente, temos os dois movimentos na voz passiva, mas o efeito de sentido da construção realizada pelo pesquisador, altera o significado do conceito de *subjetividade*, nesse caso, o sentido semântico do texto fonte foi alterado do seu sentido real.

No texto fonte, temos o agente da passiva (sintética) *se determina* (linhas 14 e 15), e no enunciado do pesquisador, *é determinada* (linha 10), o agente da passiva (analítica). As razões para esse arranjo linguístico podem ser explicadas como uma das estratégias de escrita que permite diferenciar o texto fonte do texto elaborado pelo pesquisador. Nesse jogo, houve alteração de sentido em dizer “*subjetividade*” *que se determina pelo status linguísticos da “pessoa”* no texto fonte, (linhas 14 e 16), por *subjetividade é determinada pela pessoa e o seu status linguístico*, texto do pesquisador (linhas 10 e 11).

Benveniste (1989, p. 288) define a *subjetividade que se determina pelo status linguísticos da “pessoa”*, mas o pesquisador na tentativa de reformular esse conceito acaba atribuindo outro sentido, isto é, de que a *subjetividade é determinada pela pessoa e o seu status linguístico*. Podemos observar que, ao alterar a sequência das palavras na frase *status linguísticos da pessoa*, por *pessoa e o seu status linguístico*, o conceito de *subjetividade* de Benveniste é interpretado pelo pesquisador com outro sentido, demonstrando uma leitura equivocada.

### 3.2 Efeitos de sentido do modo que representa a escrita articulada com arranjos linguísticos

De modo geral, no fragmento 1, considerando que o pesquisador dispõe da possibilidade de usar as palavras conforme melhor lhe apetece na composição do texto, observamos que a sua construção escrita configura-se com arranjos linguísticos de fragmentos de textos, os quais (marcamos em negrito, itálico e letras maiúsculas) podemos perceber (por esses recursos) em destaque no texto fonte, os conceitos apresentados pelo autor são apresentados na seguinte ordem negrito, itálico e letras maiúsculas. Repetimos novamente o fragmento 1:

#### Fragmento 1

Linha	Texto fonte	Pesquisador (1) – P1
1	É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito do “ego”. A “ <b>subjetividade</b> ” de que	[Segundo] Benveniste, a subjetividade é entendida como “ <b>a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’</b> ” (1989, p.288). [Essa proposição como sujeito tem como condição a linguagem. “É na linguagem e pela linguagem
2		
3		
4		
5		

6	<b>tratamos aqui é a capacidade do locutor</b>	<i>que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego".</i> <u>Assim sendo</u> , essa PROPRIEDADE DA SUBJETIVIDADE É DETERMINADA PELA PESSOA E O SEU STATUS LINGUÍSTICO. (P1, p.25 grifos nossos).
7	<b>para se propor como "sujeito" (...)</b> Ora,	
8	essa "subjetividade", quer a apresentamos	
9	em fenomenologia ou em psicologia, como	
10	quisermos, não é mais que a emergência no	
11	ser de uma PROPRIEDADE fundamental	
12	da linguagem. É o "ego" que diz <i>ego</i> .	
13	Encontramos aí o fundamento da	
14	"SUBJETIVIDADE" QUE SE	
15	DETERMINA PELO STATUS	
16	LINGUÍSTICOS DA "PESSOA"	
	(BENVENISTE, 1989, p. 288, grifos nossos).	

Fonte dos dados – autor da pesquisa.

Ao compararmos a escrita do pesquisador com o texto fonte, percebemos que baseia-se nos conceitos de Benveniste no (des) envolvimento enunciativo. Entretanto, altera a ordem da sequência dos conceitos lidos, e apresenta-os na seguinte ordem dos recursos marcados no fragmento (negrito, letras normais, itálico, letras maiúsculas). É visível que no movimento realizado suprime uma parte do texto fonte, (linhas 7 a 13), na tentativa de reformular e construir outro texto, que se diferencie do texto base, ao escrever de forma sucinta os conceitos retomados na construção de sua escrita, como podemos verificar que o pesquisador elabora um único parágrafo, (linhas 1 a 11). No movimento que realiza, o pesquisador não só altera a ordem dos conceitos apresentados no texto fonte, mas, por meio de conectores (linhas 1) *Segundo*, (Linha 3) *Essa*, linha (9) *Assim sendo*, faz alguns arranjos linguísticos, dando lugar explicitamente ao discurso do outro em seu discurso. Pensando nisso, propomos tecer algumas interpretações.

Arriscamos dizer, que no movimento que realiza ao recorrer à voz alheia, a partir do conector *Segundo* Benveniste (1989) [...] (linha 1), trata-se de uma marca linguística de apresentação da voz do outro na modalização do discurso segundo (MDS). Assim, filia-se a representação de outra voz (linha 1 a 3), marca entre aspas, indicando que não se responsabiliza sozinho pelo que enuncia no discurso, ou seja, convoca outra voz já institucionalizada na área de conhecimento, para dividir a responsabilidade do seu dizer com o autor citado, a fim de validar seus escritos.

Nesse caso, no modo como evoca a voz do outro no (des) desenvolvimento enunciativo, posiciona-se na hierarquia do texto, abaixo da voz de Benveniste, convocado para assumir o 'papel principal' do discurso. Ao dar credibilidade para a voz de Benveniste, isenta-se da responsabilidade da enunciação de suas palavras, via de regra, no atravessamento de vozes, a responsabilidade do enunciado, acaba sendo do autor citado, enquanto a voz do pesquisador aparece 'camuflada' no desenvolvimento do enunciado, ou seja, esconde-se sob o véu da estratégia argumentativa de modalização, na relação que mantém com o discurso do outro.

Nesse sentido, o P1 responsabiliza um sujeito exterior para o que está sendo dito, manifestando distanciamento por colocar o autor citado, como responsável pelo dizer, na recorrência ao discurso direto, marcado entre aspas na (linhas 2 e 3), "*a capacidade do locutor para se propor como 'sujeito'*", ano e página da voz que mobiliza. Isso implica pouco envolvimento no processo de uma escrita de si no desenvolvimento enunciativo.

Na linha 3, o pronome demonstrativo *Essa*, (1), retoma o referente já enunciado anteriormente (linha 3) [...] *propor como sujeito* que refere-se a citação que aponta para uma exterioridade no fio do discurso do pesquisador (1), pela marcação de aspas. Nesse caso, apesar do pronome *essa* indicar familiaridade do pesquisador com o conceito de subjetividade, observamos no desenvolvimento de escrita do pesquisador, pelas formas recuperáveis da presença do outro no discurso, que utiliza as mesmas palavras empregadas

por Benveniste *propor como sujeito* (linha 3) e transcreve em seu enunciado *proposição como sujeito* (linha 4), demonstrando assim não desenvolver uma reflexão além do já proposto pelo teórico.

No trecho das linhas 5 a 8, observamos o relato de discurso direto: “*É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego*”, a escrita do P1 configura-se na função de discurso direto para representar a voz de Benveniste, autoridade na área de conhecimento. Trata-se de uma característica comum na produção escrita na universidade.

Comparado com o texto fonte, é possível observar que o discurso do outro foi repetido de forma que não chega a manifestar uma escrita própria. Por outro lado, mantém autenticidade do discurso do outro, a partir do uso das marcas tipográficas (aspas e itálico), designam a marca da exterioridade teórica marcadas no fio do discurso da enunciação. Nesse caso, há excesso de valoração da voz do teórico para solicitar a sua entrada na academia. Não basta repetir no enunciado a citação da voz alheia, (citar é falar através da representação da voz do outro). Deve-se, pois, estabelecer diálogo com a palavra do autor citado, porém, esse movimento não ocorre. A posição enunciativa do pesquisador configura-se como menos envolvido com seu objeto de pesquisa.

Nas últimas linhas (9 a 11), no início do trecho, o pesquisador recorre ao uso do conectivo *assim sendo*, que a princípio indicia a continuidade de um dizer já mencionado, parece ser uma inferência do pesquisador para concluir à remissão ao discurso proferido anteriormente. Portanto, ao observarmos o texto base (linhas 14 e 16 fragmento 1), o trecho *Assim sendo, essa propriedade da subjetividade é determinada pela pessoa e o seu status linguístico*, percebemos a recorrência à paráfrase como um arranjo linguístico para inserir de forma indireta as palavras de Benveniste, ou seja, trata-se de uma segunda produção, que reformula a partir do “já-dito” (autor citado).

Na tentativa de reformular um “já-dito”, observamos pelas *formas recuperáveis* da língua que utiliza as mesmas palavras do texto fonte para enunciar e no jogo textual que realiza, acaba por atribuir um novo sentido para o conceito de subjetividade. É preciso reconhecer que o pesquisador (1) não absorve o real sentido do fundamento da *subjetividade* apresentado por Benveniste no texto fonte (linhas 14 e 16) “*subjetividade*” *que se determina pelo status linguísticos da “pessoa” Benveniste (1989, p. 288).*

A recorrência à paráfrase como reformulação (FUCHS, 1985), no fragmento analisado, em que há interpretação do texto fonte, podemos dizer que na escrita do P1, ao recobrir com palavras aquilo que o outro já disse, acaba por interpretar o conceito de *subjetividade* (BENVENISTE, 1989), de forma equivocada (linhas 9 a 11), comprometendo o real sentido do conceito, que além de não acrescentar nada ao discurso do outro, atribui em sua escrita uma definição diferente do conceito apresentado pelo teórico.

### Considerações finais

A partir das discussões suscitadas ao longo deste trabalho, bem como das análises aqui empreendidas, pudemos evidenciar elementos relevantes no desenvolvimento enunciativo que integram o discurso acadêmico-científico. Tendo como base teórica a Teoria Enunciativa, focando a categoria de representação do discurso outro (RDO), se propôs investigar a heterogeneidade de vozes no texto acadêmico. Procuramos descrever e interpretar os modos de (des) envolvimento do pesquisador para citar o discurso do outro na tessitura de dissertações de mestrado na construção de um lugar enunciativo. Procuramos a partir disso, mostrar pelas escolhas linguísticas que articulam o discurso, os efeitos de sentido pretendidos pelo pesquisador, na sua própria enunciação e influir na produção do conhecimento.

Além disso, buscamos responder a seguinte pergunta: Em que medida no (des) envolvimento enunciativo o pesquisador deixa transparecer uma escrita própria ao mobilizar a

voz alheia na materialidade do texto acadêmico? Em linhas gerais, a análise revela que na escrita acadêmica os pesquisadores mobilizam vários modos de representação do discurso do outro, a saber: (DD, DI, MDS), entre esses modos, os efeitos de sentido dos conectores analisados na escrita de dissertação de mestrado, indiciam que: a) o pesquisador convoca o autor citado para mostrar que seu discurso está respaldado no teórico da área de conhecimento, b) citar o discurso do outro na função de discurso direto em sua produção de escrita indicia ausência de confiança em seu enunciado, prevalecendo a voz do teórico citado, c) discurso indireto aproxima o seu discurso daquele que usa como referência, ele remete ao outro como fonte de sentido dos propósitos que ele relata, d) na recorrência a representação da voz do autor base, a voz do pesquisador surge poucas vezes no (des) envolvimento enunciativo da pesquisa. Na maioria das vezes, prevalece a voz do teórico como autoridade para enunciar, ou seja, ancora-se no “já dito”, uma vez que não é possível encontrar marcas de uma escrita própria por meio da absorção dos conceitos retomados na pesquisa.

Partimos da hipótese de que a construção de uma escrita própria requer um “trabalho de escrita” (RIOLFI, 2003), processo por meio do qual alguém pode vir a escrever um texto que porte as marcas de sua singularidade. Esse trabalho caracteriza-se por um modo de lidar com a escrita a partir do qual aquele que escreve inscreve-se em uma enunciação caracterizada pela retroação e pela reciprocidade, que permite ao sujeito operar sobre a linguagem e sofrer os feitos dela. Para tanto, o pesquisador deve perpassar pelo viés das formas do RDO, não reduzindo em apenas citar a voz alheia, mas a construção de escrita própria que evidencia de forma harmoniosa os manejos em atribuir sentidos para o discurso do outro. Constatamos, pois, que a heterogeneidade faz parte do discurso acadêmico, uma vez que o próprio sentido do texto está dependente do (des) envolvimento do pesquisador com as vozes alheias e ao mesmo tempo mostrar que não se encontra tão ligado a representação da voz do outro, mas desenvolver uma escrita própria com implicação com o saber e consequentemente, pela produção de conhecimento científico.

#### Referências Bibliográficas

- AUTHIER-REVUZ, J. A. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n.19, p. 25-42, jul./dez.1990.
- \_\_\_\_\_. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Traduzido por Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BARZOTTO, V.H. Lições das Fúrias: Delitos e castigos inevitáveis. In: RIOLFI, C; BARZOTTO, V.H. *O inferno da escrita: produções escrita e psicanálise*. São Paulo 2011.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*: Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luísa Neri: revisão do prof. Isaac Nicolau Salum – 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Problemas de Linguística Geral II*: Tradução de Eduardo Guimarães et al.; revisão do técnico da tradução de Eduardo Guimarães. – 2. ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 1989.
- FABIANO, S. *Pesquisa na Graduação: a escrita do gênero acadêmico*. Cáceres-MT: Editora da UNEMAT, 2004.
- \_\_\_\_\_. *A prática da pesquisa como sustentação da apropriação do conhecimento na graduação em Letras*. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista: Araraquara, 2007.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Campinas, 2005.
- \_\_\_\_\_. [et al]. *Enunciação e gramática* – 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2011.

FUCHS, C. *A paráfrase linguística: equivalência, sinonímia ou reformulação?* Caderno de Estudos Linguísticos. Tradução de João Wanderlei Geraldi. Campinas: n. 8, p. 129-134 1985.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. papel da memória. Campinas: Pontes, 1999.

RIOLFI, C. R. Ensinar a escrever: considerações sobre a especificidade do trabalho de escrita. *Leitura: Teoria & Prática*. Revista da Associação de Leitura do Brasil. Campinas-SP, vol. 40, p. 47-51, jan./jul. 2003.

\_\_\_\_\_; Lições da Coragem: O inferno da Escrita. In: RIOLFI, C; BARZOTTO, V.H. *O inferno da escrita: produções escrita e psicanálise*. São Paulo, 2011.

[www.portaldedominiopublicocapes.com.br](http://www.portaldedominiopublicocapes.com.br)